



# Olhares Aventureiros pelos Sertões de Goiás

Tania Siqueira Montoro <sup>1</sup>

## BOOK REVIEW

BARBO, Lenora (org.) Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.

---

<sup>1</sup> PHD em Comunicação Audiovisual e Publicidade (Universidad Autonoma de Barcelona). Professora Associada 4 do Departamento de Audiovisual e Publicidade Faculdade de Comunicação (Universidade de Brasília), ORCID: 0000-0001-5588-7436, E-mail: taniasmontoro@gmail.com

**A**ssim que tomei conhecimento desta obra, interdisciplinar, tratei de adquiri-la o mais rápido possível. Eu conheço a seriedade da pesquisa de Lenora Barbo, especialmente com relação aos estudos de Brasília antes de Brasília. Pesquisa que realizei, do ponto de vista iconográfico, para o filme de longa metragem *Hollywood no Cerrado* (2012) juntamente com o cineasta Armando Bulcão e os historiadores Victor Leonardi e Paulo Bertran, sobre aventuras cinematográficas no Planalto Central do País, antes da capital.

Ao começar a leitura da obra, oportuna e densa, me chamou atenção a polissemia de narrativas, que quase em um dever cívico, demonstram a destruição do cerrado brasileiro. Este ecossistema, que mal começou a ser estudado, encontra-se em um processo insano de devastação e especulação imobiliária impactando paisagens e territórios, nos aspectos geológicos, patrimoniais, botânicos e nos preciosos recursos hídricos. Aqui vale registrar o crescimento desordenado das cidades visitadas, pelos autores, e o imenso descaso com o rico patrimônio histórico, cultural, visual, sonoro e ambiental, depois do pesquisador francês Saint-Hilaire registrar em minúcias duzentos anos atrás.

A viagem pelo sertão - 200 anos depois é uma obra que contempla um exercício contínuo do olhar e celebra a delícia de percorrer rastros de lembranças e memórias claras ou difusas narrando uma nova paisagem, um odor específico e inconfundível, uma aventura original e poética. Em cada artigo uma viagem particular, ora pelo viés da cartografia arquitetônica, ora pelo compasso da aventura, ora pela contemplação dos rios e mananciais, ora pelas paisagens arquitetônicas, sonoras e literárias. E os autores viveram a experiência de viajar juntos como propósito de uma experiência marcada por aventuras.

A palavra aventura vem do latim - *adventura* - e designa coisas que estão por vir. A aventura sempre acompanhou a história humana e guarda a magia de conseguir reunir, num só culto individual ou coletivo, pessoas dos dez aos oitenta anos. Em um recorte na história cultural as aventuras singularizam a experiência audaciosa dos homens e mulheres que exploraram, colonizaram, desbravaram lugares, povos, línguas... limites atravessando continentes e fundando um destino que dá sentido às suas vidas.

Aos poucos o conceito de aventura foi sendo apropriado pela indústria cultural de lazer e turismo. E o turismo vive de imagens. Imagens que povoam e constroem imaginários e narrativas que vão fundamentar outras viagens e aventuras, narrativas e contos. Como sou professora das duas áreas de conhecimento cinema e turismo e, em muitos anos de trabalho e pesquisas, existe praticamente um consenso de que os cursos de turismo e de cinema necessitam incrementar a qualidade de informação territorial no sentido de instaurar uma poética do espaço como elemento fundante do conceito de “pertença” como um crescimento pessoal e cultural em todos sentidos. Na verdade, talvez hoje fazer aventuras ou ser uma mulher aventureira tenha muitas conotações pejorativas, referenciados aqueles sujeitos que, nos meios de vida conhecidos, vivem de expedientes e de comportamentos inusitados e inconfiáveis. Desta feita, podemos pensar a aventura como um composto de ritual dramático; proezas físicas e psicológicas e um desejo de liberdade e de superação que subverte a ordem e traduz a emboscada da aventura e do destino dos sujeitos.

É assim que o livro nos estende a mão pela experiência de viajar com os autores ao nominar um conjunto de incontáveis motivos que a organizadora sublinha para se aventurar pelos sertões duzentos anos depois. Arruma atentamente em sua valise, mapas, fotografias, desenhos, pinturas e a certeza de ser conduzida pelo destino. As paisagens constroem e entremeiam a obra como afirma a organizadora: “Uma longa e profícua viagem... projeto que ambicionava realizar, 200 anos depois, expedição para celebrar a viagem científica do naturalista Auguste de Saint-Hilaire, que, em 1819, partiu do Rio de Janeiro rumo a Goiás”. O primeiro francês a colocar os pés em chão do planalto central do País.

A riqueza dos relatos de viagem são uma fonte documental importantíssima, mas também não podemos esquecer o lugar do relato como literatura de viagem. Esclarece Menezes e Oliveira:

O relato de viagem, esse gênero híbrido, fugidio, caracteriza-se por, (...) pressupor um leitor, independe da distância entre a viagem e o momento da escrita do texto, operar com noções de lugares diferentes, inspirar outros relatos ao longo do tempo e ocupar uma fronteira tênue entre ficção e veracidade. Logo, ele ocupa um lugar definido como gênero literário. (MENEZES & OLIVEIRA, 2021:96)

A narrativa de viagem carrega alguns mecanismos de inteligibilidade, em grande medida fazendo analogia com o já conhecido, da comparação, do paralelo,

ainda que se pretenda neutro, é um gênero que obedece às convenções, a padrões estéticos e literários. Ao escrever o narrador viajante pode intencionar ser o mais imparcial possível e, ainda assim, segue às expectativas quanto à sua forma e conteúdo.

Cada artigo e relato, nesta obra, produz uma imagem que é representação do universo cultural e intelectual do viajante – narrador. A junção de relatos de viagens conforma uma coleção de imagens que fundam imaginários sobre a região do sertão goiano, seu povo, sua música, comida e modos de viver e ser. Este livro nos brinda, duzentos anos depois, com novas camadas imagéticas que fundamentam e sedimentam inovadores imaginários e redes de caminhos percorridos e ressignificados.

As construções mentais, de importância insubstituível, apresentam, no entanto, a característica de não permanecerem no tempo, nem de se generalizarem para todos. Substantivar os artigos, que compõem esta obra, e conferem personalidade para mesma, assenta-se em dois eixos que foram perseguidos - o do mundo natural, expressivamente presente pelas características do meio com todas suas especificidades, e do mundo do homem e de sua cultura espacial. A obra, portanto, não é uma aventura desprezível. Ela nos faz mergulhar em tantas imagens, numa outra geografia. Em cada cidade, para estes viajantes atentos, até o silêncio ou um pio de um pássaro são referenciais para uma aventura poética que nos faz refletir sobre a capacidade humana de adaptar-se a qualquer clima ou espaço do vasto e misterioso sertão de Goyaz.

Diante de um mundo fragmentado espacialmente e de relações efêmeras de um ambiente cada vez mais virtual, pensar as cidades do sertão de Goyaz, enquanto espaço público e de vivência coletiva, orientou os textos, do conjunto da obra, a pensar que existir é diferir. É a diferença que nos salva do abismo de um mundo que se fragmenta constantemente. As imagens das cidades visitadas, pelos autores, ultrapassam as barreiras narrativas de uma história e se transformam em experiências espaço-temporais abrigando infinitas fissuras, brechas de significados e de ligações entre partículas que a constituem.

Como cineasta fui fazendo um roteiro imagético, um caminho consoante com a permanência de percepções importantes que se elevam no interior da vivência

individual e aproximam-se da criação de uma imagem geral do espaço deste sertão, descrita e analisada no livro. Por isso, a obra é fundamental para pesquisadores do audiovisual e do turismo. Ela agrega valor a qualquer roteiro, seja por revolucionar, em um processo lúdico de reapropriação dos territórios urbanos ou, ainda, por instaurar desejo de uma nova aventura, mesmo que seja cinematográfica ou um desenho de um novo atrativo turístico: Os caminhos do sertão de Goiás por Saint-Hilaire.

Como neta da fazenda Babilônia, que recebeu Saint-Hilaire, caminhar nas páginas deste livro é aventurar-se, pelas mãos dos autores, por cenários em que, mais que a paisagem, o que importa mesmo é poder compreender e abraçar esta região.

#### **REFERÊNCIA**

MENEZES, Marcos Antonio de; OLIVEIRA, Rodrigo Martins. Narrativas de Saint-Hilaire sobre as cidades de Goyaz no século XIX. In: BARBO, Lenora (org.) Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021. p. 95-119.

Received: 18/02/2022  
Approved: 20/03/2022